

“Apenas procurando”: Performatividade em perfis de pessoas com deficiência visual no Tinder e no Grindr, um relato de pesquisa autoetnográfica

Eixo 10 - Raça, gênero e corpos com deficiência: interseccionalidade e desafios contemporâneos

Henry Martínez-Hernández

henry.hernandez@ufam.edu.br

**Mestrando, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas
Bolsista CAPES**

Resumo: Este trabalho analisa como pessoas com deficiência visual (PCDV) constroem e performam suas identidades em aplicativos de relacionamento como Tinder e Grindr. A partir de entrevistas com cinco jovens e de uma perspectiva autoetnográfica, discute-se como esses ambientes virtuais reduzem algumas barreiras de acessibilidade, mas ao mesmo tempo reproduzem outras formas de exclusão vinculadas ao capacitismo, aos algoritmos e às normas estéticas hegemônicas. A análise evidencia que a deficiência pode ser silenciada ou exibida como ato político e performativo, inserindo-se nas dinâmicas de mercado de corpos, gamificação e autorrepresentação nesses aplicativos.

Palavras-chave: deficiência visual; performatividade; sexualidade; autorrepresentação

A deficiência, entendida a partir de Gimeno (2008) e McRuer (2013; 2024), não é apenas uma característica individual, mas o resultado da interação entre corpos e ambientes com barreiras. No caso da deficiência visual, as dificuldades se relacionam à centralidade da visão na vida social e afetiva.

As tecnologias digitais — incluindo redes sociais e aplicativos de namoro — oferecem um espaço ambivalente: reduzem obstáculos físicos, mas apresentam novas barreiras de acessibilidade digital, desigualdade no acesso a recursos e práticas discriminatórias (Vega, 2017; Cabero-Almenara, 2008).

O objetivo deste trabalho é **analisar como jovens com deficiência visual utilizam Tinder e Grindr**, destacando as formas performativas de apresentação de si nos perfis e os efeitos das normas de acessibilidade, estética e algoritmos sobre essas experiências.

Metodologia

O estudo faz parte de uma pesquisa etnográfica mais ampla, realizada em 2022 em San José, Costa Rica (Martínez-Hernández, 2022), sobre sexualidade e juventude com deficiência visual. Os dados utilizados provêm de:

- **entrevistas em profundidade** com cinco jovens: Eva (mulher com Baixa visão, heterossexual e feminista), Omar (homem cis gênero heterossexual com Baixa visão), Paola (Mulher trans gênero demissexual com baixa visão), Mía (Mulher cis gênero, heterossexual com baixa visão) e Henry (pesquisador cego, cis gênero homossexual).
- **autoetnografia** (Denzin, 2017), incorporando experiências pessoais do autor,
- **anotações de campo** e revisão bibliográfica.

A faixa etária dos participantes era de 24 a 30 anos, todos cegos ou com baixa visão. Nessa população eu, o pesquisador, também estava incluído, como uma pessoa cega, gay e usuária ativa dessas plataformas.

Resultados e Discussão

1. Aplicativos como mercados de vínculos

O Tinder e o Grindr funcionam como mercados digitais mediados por algoritmos, onde se produzem trocas de afetos, imagens e corpos. No Tinder, predomina uma lógica de prolongar interações até encontros presenciais, enquanto no Grindr prevalece o imediatismo e a busca por encontros rápidos (Licoppe, 2020; Costa, 2020). Os relatos mostram que usuários percebem esses ambientes como **economias de abundância** (Cortés-Gómez et al., 2016), em

contraste com antigas dinâmicas de escassez de parceiros, o que incentiva relações líquidas, descartáveis e competitivas.

2. Performatividade e autorrepresentação

A criação de perfis envolve escolhas performativas: mostrar ou ocultar aspectos de si, construir discursos e imagens que possam ser aceitas pelo público-alvo. Inspirados em Goffman (2011) e Butler (2023), pode-se afirmar que gênero, sexualidade e deficiência são performados nesses espaços, embora limitados por normas e etiquetas impostas pelos aplicativos. O Grindr, por exemplo, permite múltiplos rótulos identitários, mas não contempla categorias relacionadas à deficiência — invisibilizando esses corpos. Assim, PCDV recorrem a **estratégias próprias de autorrepresentação**, alternando entre silenciamento, humor ou explicitação política de sua condição.

3. Acessibilidade e capacitismo digital

Apesar de reduzir barreiras físicas, os aplicativos mantêm barreiras de acessibilidade digital. A centralidade da imagem dificulta a participação de cegos totais, que dependem de descrições e textos curtos. A estética visual se impõe como critério de seleção e causa ansiedade, como relatou Eva.

Além disso, há discriminação explícita: usuários bloqueiam ou rejeitam perfis ao saber da deficiência, reforçando o **capacitismo compulsório** (McRuer, 2013). Algoritmos também reproduzem desigualdades étnicas e de classe (Rueda-Suárez, 2019).

4. Performatividade da deficiência: silenciar ou afirmar

Entre os participantes, emergem duas estratégias contrastantes:

- **Silenciar ou ocultar** sinais de deficiência (Omar e Mía), enfatizando estética “normalizada”.
- **Visibilizar como ato político** (Eva, Paola e Henry), transformando a deficiência em elemento central da autorrepresentação, ora como marca de autenticidade, ora como erotismo CRIP (McRuer, 2013).

Esse debate mostra que a performatividade da deficiência é plural e atravessada por fatores de gênero, sexualidade, classe e autoimagem.

Conclusões

O estudo demonstra que, embora aplicativos como Tinder e Grindr possam ampliar possibilidades de socialização e reduzir barreiras físicas, eles também reforçam dinâmicas de exclusão e capacitismo. De fato, a forma como PCDV performamos nossas identidades nesses espaços revela um **jogo entre visibilidade e ocultamento**, em que estratégias variam entre autodefinição política e busca por aceitação estética. As plataformas analisadas mostram-se pouco inclusivas quanto à diversidade corporal, o que evidencia a necessidade de **repensar acessibilidade digital, algoritmos e design inclusivo**. Finalmente, este trabalho sugere que pesquisas futuras devem acompanhar as **transições online-offline**, explorando como as performances digitais impactam encontros presenciais e negociações afetivo-sexuais.

No que diz respeito à minha experiência pessoal, esta foi atravessada por diferentes situações de rejeição, perigo e fetichização que vivi como usuário dos aplicativos. No entanto, compreender a forma como essas situações são mediadas por algoritmos e pelas expressões estruturais do capacitismo levou-me a perceber que as diferentes maneiras de performar nossa condição de deficiência não são apenas um ato político, mas também uma estratégia ativa de busca por vínculos de diferentes tipos, de acordo com o objetivo de cada pessoa. Por fim, esta investigação evidencia a necessidade de ampliar o acesso a informações que nos ajudem a lidar de maneira segura e saudável com espaços digitais como essas plataformas.

Agradecimentos:

A Eva, Mía, Paola e Omar, por dividir comigo as experiências e formar parte do trabalho.

**A Paula León S. por me orientar no proceso.
À Universidade da Costa Rica.**

Ao programa CAPES por financiar meu atual mestrado e dar os recursos para me concentrar nos estudos, as pesquisas e a escrita de resultados de processos anteriores.

Referências

AMARAL, R. C.; LIMA, D. R. *Judith Butler sobre o gênero: as performances e os corpos estranhos*. Revista Kínesis, v.14, n.36, p.444-463, 2022.

BAUMAN, R. *Fundamentos da performance*. Revista Sociedade e Estado, v.29, n.3, 2014.

BUTLER, J. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: N-1, 2023.

CABERO-ALMENARA, J. *TICs para la igualdad: la brecha digital en la discapacidad*. Anales de la Universidad Metropolitana, v.8, n.2, p.15-43, 2008.

CORTÉS-GÓMEZ, R. A.; DEL CASTILLO-CASAS, A.; HERNÁNDEZ-MOJICA, Á. M. *Configuración de los vínculos erótico-afectivos en las redes sociales: el caso Tinder*. Bogotá: PUC Javeriana, 2016.

COSTA, R. S. *O que procura? A digitalização do desejo e as performances de masculinidades no aplicativo GRINDR*. CSOnline, n.32, p.188-213, 2020.

DENZIN, N. *Autoetnografia interpretativa*. Investigación Cualitativa, v.2, n.1, p.81-90, 2017.

GIMENO, B. *El discurso de la discapacidad*. Tráversales, n.12, 2008.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2011.

GRINDR HELP CENTER. *Glosario de Tags*. 2022.

LICOPPE, C. *Liquidity and attachment in the mobile hookup culture*. Journal of Cultural Economy, v.13, n.1, p.73-90, 2020.

LINNE, J. *“No sos vos, es Tinder”: gamificación, consumo, gestión cotidiana y performance*. 2020.

MARTÍNEZ-HERNÁNDEZ, H. *Pesquisa sobre educação sexual e juventude com deficiência visual*. San José, 2022.

MCRUER, R. *Crip Theory*. New York: NYU Press, 2013 / 2024.

RUEDA-SUÁREZ, L. *El algoritmo del Tinder y la discriminación estética y social*. 2019.

VEGA, J. *Redes sociales y discapacidad: espacios de agencia juvenil*. 2017.